

ACONTECIMENTALIZAÇÕES DISCURSIVAS DO(S) ROSTO(S) DA CORRUPÇÃO NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA

Roberto leiser baronas¹

Sidnay fernandes dos santos²

Resumo: Este artigo apresenta um breve estudo de fotografias de rostos dos ministros do Governo Dilma Rousseff que saíram do cargo durante o ano de 2011 acusados de envolvimento em esquemas de corrupção. Com o objetivo de olhar para o corpo enquanto objeto discursivo e por considerar ainda a relação indissociável entre imagem e suporte, elegemos textos jornalísticos publicados na revista *Veja* que abordam os escândalos. Tomamos por base teórica alguns conceitos da Análise do Discurso de orientação francesa, estabelecendo um diálogo com a história do rosto traçada por Courtine & Haroche (1988).

Palavras-chave: Corrupção. Discurso. Corpo. Rosto. Fotografia.

Résumé: Cet article présente une brève étude de photographies de visages des ministres du Gouvernement Dilma Rousseff qui ont quitté leur poste pendant l'année 2011 accusés d'être impliqués dans des schémas de corruption. Avec pour but d'envisager le corps en tant qu'objet discursif et en considérant encore le rapport indissociable entre image et support, nous avons élu des textes journalistiques publiés dans le magazine *Veja* qui abordent ces scandales. Nous avons pris pour base théorique quelques concepts de l'Analyse du Discours d'orientation française, en établissant un dialogue avec l'histoire du visage tracée par Courtine & Haroche (1988).

Mots-clés: Corruption. Discours. Corps. Visage. Photographie.

Considerações iniciais

Nosso objetivo primordial neste artigo é pensar num esboço de alguns episódios de uma pequena “história do rosto da corrupção brasileira” a partir de fotografias dos ministros do Governo Dilma Rousseff que saíram do cargo durante o ano de 2011 após denúncias de envolvimento em esquemas de corrupção. Para tal, selecionamos como *corpus* textos jornalísticos veiculados na revista *Veja*.

¹ Professor no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: baronas@ufscar.br

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar. Professora na Universidade Estadual da Bahia – Campus de Caetitê. E-mail: sidnayfernandes@hotmail.com

No momento das leituras iniciais de nosso arquivo e de constituição de nosso *corpus*, aventamos a hipótese de que já nos acontecimentos discursivos que tratam das primeiras denúncias dos seis escândalos³, a instituição midiática constrói efeitos de sentidos que apontam na direção de que os ministros estão, verdadeiramente, envolvidos nos esquemas de corrupção dos quais são acusados. Ou, dito de outro modo, de que os ministros são culpados/corruptos/bandidos e, por isso, não devem continuar no cargo.

Diante dessa primeira proposta e dessa hipótese, sedimentamos nossa discussão no âmbito da articulação entre discurso, história e corpo, teoricamente respaldada pela Análise de Discurso de tradição francesa em interface com a obra da autoria de Jean-Jacques Courtine e Claudine Haroche, *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*.

Sendo assim, tentamos interpretar como os sentidos dados a circular em *Veja* são formulados e constituídos, considerando, prioritariamente, as práticas discursivas da mídia e sua ação sobre o dizer. E, nesse sentido, pensamos ainda nos alcances do controle do discurso.

Nessa perspectiva, apresentamos, inicialmente e em linhas bem gerais, algumas “nuanças” do percurso de fôlego que Courtine e Haroche constroem sobre a história do rosto e, posteriormente, focalizamos o nosso material de análise.

³Foram seis ministros que saíram do cargo no governo Dilma Rousseff no ano de 2011 após denúncias de corrupção. Cronologicamente: Antonio Palocci (Casa Civil), 7 de junho; Alfredo Nascimento (Transporte), 6 de julho; Wagner Rossi (Agricultura), 17 de agosto; Pedro Novais (Turismo), 14 de setembro; Orlando Silva (Esporte), 26 de outubro; e Carlos Lupi (Trabalho), 04 de dezembro.

Breve passagem por uma história do rosto

Em seu livro, publicado primeiramente em francês em 1988, Courtine e Haroche olham para o rosto no percurso do século XVI até o início do século XIX, visto que assentam o denominado paradigma da expressão no século XVI e, paradoxalmente, abordam as “necessidades” de controlar as paixões e a expressão, apontando para a constituição do “indivíduo moderno”. É, assim, num movimento paradoxal que incita, simultaneamente, a “dever exprimir-se” e a “dever calar-se”, que os autores pavimentam o itinerário arquetetado e balizado por vastas fontes diacrônicas de textos verbais e visuais.

Focalizando, em primeiro lugar, “uma história do emergir da expressão, desta sensibilidade crescente, desta atenção mais exigente incidindo sobre a expressão do rosto como sinal da identidade individual, a partir do século XVI” (COURTINE & HAROCHE, 1988, p.12), os autores privilegiam a tradição fisiognômica.⁴

Não só os tratados de fisiognomia, mas os manuais de retórica, os livros de civismo e a arte de conversação, do século XVI ao século XVIII, lembram discursos em torno da afirmação “o rosto fala” ou “o indivíduo exprime-se pelo rosto” (Idem, p. 7-8). Discursos que se repetem incessantemente e que ganham, em distintos campos teóricos, novos contornos marcados por um vínculo intrínseco entre o sujeito, a linguagem e o rosto.

⁴Piovezani esclarece que “já no interior das contradições do século XVI surgem duas vertentes distintas, mas não completamente diferentes, de estudos fisiognômicos: de um lado, a ‘metoposcopia’, que é, de certo modo, a extensão de um dos ramos da fisionomia astrológica árabe e, de outro, a fisionomia cuja obra *De humana physiognomia* (1586), de Giambattista della Porta, é uma espécie de precursora e representante fundamental” (2009, p. 71).

Nos tratados de fisiognomonia, o conhecimento e domínio de si próprio são princípios essenciais que vão, de certa forma, privilegiar a expressão do homem por inteiro e não apenas pela palavra. Trata-se do corpo como “verbo”, como “expressão”, “como intérprete do pensamento, linguagem natural da alma: é, como nos diz Cureau⁵, ‘toda alma derramada no exterior’”. (apud COURTINE & HAROCHE, p. 26). Segundo os autores da obra *História do Rosto*, denomina-se, assim, “paradigma da expressão” a esse “processo pelo qual a linguagem vai pouco a pouco passar a ser a medida de todas as coisas, dar sentido aos comportamentos, penetrar profundamente a interioridade subjetiva e fazer do corpo o lugar expressivo de uma voz íntima”. (p.27).

Todavia, destacam ainda Courtine & Haroche (1988, p.27), essa perspectiva da expressão, durante a idade clássica, apresenta aspectos paradoxais: responde, por um lado, a um desejo de transparência política e social que se manifesta nos tratados de fisiognomonia e, por outro, na codificação das condutas por meio dos manuais de civilidade.

Com o avanço do racionalismo científico na segunda metade do século XVII, a fisiognomonia, até então ligada ao pensamento divinatório e à astrologia, fica desacreditada. Mas, pela via da antropologia, ciência “que estabelece a relação do homem físico e do homem moral”, ela “volta a florescer no fim dos anos 1760, tanto como ‘teoria’ como prática” e, assim, ocorre a “curiosa ressurreição de uma disciplina de que a ciência havia pronunciado a condenação e anunciado a morte”. (Idem, p. 93).

Por ser o final do século XVIII dominado pelas ideias científicas, a fisiognomonia, a partir de então, passa a ser marcada por uma tensão que se

⁵Cureau de la Chambre é uma figura emblemática na corte de Luís XVI, porque além de médico, artesão e fisionomista, exercia função divinatória. (COURTINE & HAROCHE, 1988, p. 24-5)

constitui, de um lado, pelo aumento da racionalidade científica e, de outro, pelo refúgio do irracionalismo. Jogando, pois, com a razão e com o sentimento, observam o rosto orgânico e exaltam o rosto expressivo. (Idem, p.95)

Ferreira (2006, p.165) destaca, com base na leitura de Courtine & Haroche (1988), que, na Idade Média, sobretudo, a estaticidade do rosto e de suas expressões era o princípio analítico - uma espécie de morfologia baseada na observação de marcas de nascença, cicatrizes, rugas, etc - a partir do qual se caracterizava não apenas o próprio indivíduo, mas também se podia prever seu destino. Posteriormente, rompe-se com essa concepção estática da expressão e os estudos fisionômicos se voltam para o movimento do rosto, tomando-o como signo. Passa-se, assim, de uma influência da astrologia para uma influência da medicina e da anatomia. O que prevalece é a ideia:

O rosto é movimento. O século XVIII prolonga esta concepção surgida no século XVII e vai dar-lhe uma amplidão e uma intensidade novas: se a expressão continua a ser movimento do rosto, acentuar-se-á mais a sua vivacidade, a sua energia. Desenvolve-se assim, na segunda metade do século XVIII, uma estética da mímica e do rosto como gesto facial. (COURTINE & HAROCHE, 1988, p. 108)

Essa mudança de concepção que valoriza o movimento do rosto ou ainda o modo como o rosto manifesta publicamente as paixões do sujeito revela “*a emergência de uma nova individualidade psicológica, de um novo modo de conceber o indivíduo em sociedade e da concepção do próprio indivíduo por ele mesmo, fundamentando o então humanismo renascente.*” (FERREIRA, 2006, p.166)

E, assim, pelo processo do “individualismo de costumes” - que transformou a identidade individual e reconfigurou, de modo paradoxal, os

comportamentos da ordem do público e do privado - afirma-se, por um lado, o domínio do indivíduo “indissociável da expressão singular do seu rosto, tradução corporal do seu eu íntimo. Mas por outro lado este mesmo movimento que o incita a exprimir-se, ordena-lhe ao mesmo tempo que se apague, que mascare esse rosto, que encubra essa expressão”. (COURTINE & HAROCHE, 1988, p.8)

Para os autores da obra *História do rosto*, esse processo paradoxal da individualização e também socialização da expressão explica não só o percurso que traçaram, mas ainda a própria constituição do indivíduo moderno; uma vez que incita à expressão da interioridade, à manifestação dos sentimentos e, concomitantemente, “vota o rosto ao silêncio, relativo ou profundo, da inexpressividade”. (Idem, p.226)

Com o surgimento da fotografia e com os grandes avanços tecnológicos, as percepções do rosto se alteram significativamente. É possível fixar, a partir do século XIX, a instantaneidade da expressão e, mais do que nunca, capta-se o movimento. As ciências fazem uso da fotografia para identificar caracteres e a justiça e as novas técnicas de investigação e julgamento dos indivíduos também se valem dela. O rosto, esse “lugar mais íntimo e mais exterior do indivíduo” (Idem, p.225-6), é agora registrado em seus mínimos detalhes. E “as práticas de escrita midiática, como as da revista *Veja*, inscrevem essas representações do rosto e da fotografia, em sua própria escrita”. (FERREIRA, 2006, p.167)

Tentamos, então, na análise que desenvolvemos a seguir, não só interpretar as imagens fotográficas que a revista *Veja* coloca em circulação, mas ainda analisar como se dá o processo de inscrição dessas fotos e desses rostos em sua escrita tendo em vista os sentidos que ela busca estabilizar.

Rostos e sentidos: como falar da corrupção

Pensando na escrita do suporte midiático *Veja* e no axioma central da tese de Courtine e Haroche “o rosto fala”, inscrito na máxima mais ampla “o corpo fala”, selecionamos sete⁶ fotografias dos rostos dos ministros que deixaram o governo Dilma Rousseff no ano de 2011 sob suspeita de corrupção - Antonio Palocci, Alfredo Nascimento, Wagner Rossi, Pedro Novais, Orlando Silva e Carlos Lupi -, publicadas em reportagens das seguintes edições de *Veja*: 25 de maio, 13 de julho, 17 de agosto, 21 de setembro, 29 de outubro e 16 de novembro.

Como o texto imagético não está isolado do texto escrito, consideramos em nossa análise toda a textualização, mas, por uma questão de espaço e também pelo enfoque de nossa proposta, priorizamos, em certa medida, a materialidade não verbal.

As fotografias selecionadas mostram os citados ministros no exercício de suas funções. E optamos por descrever/interpretar aqui as fotos seguindo a ordem cronológica dos fatos, ou seja, tendo em vista a data de saída de cada ministro do governo Dilma.



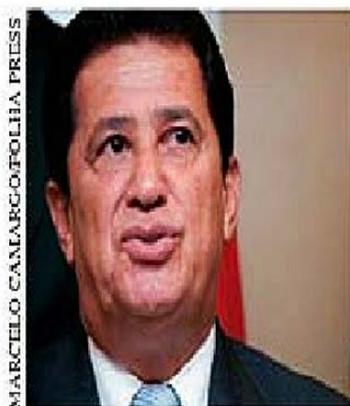
Palocci: o ministro se enrola PÁG. 68

Imagem 01 –
Veja, 25/05/2011, p.10

A foto e legenda ao lado foram publicadas na página “Índice” da revista para ilustrar a chamada “**Ministério Palocci se complica na história do enriquecimento**”. Na página 68, o leitor tem acesso a toda a reportagem, que retoma o histórico do ministro desde sua atuação no Governo Lula até o atual momento, quando é acusado por ter um patrimônio declarado incompatível com os ganhos de deputados federal. Segundo *Veja* “É ruim quando um ministro da estatura de Palocci tem de dar explicações – mas péssimo mesmo é não dá-las e apostar que as nuvens negras se dissipem”. (25/05/11, p.71)

⁶Elegemos duas fotos do ministro Wagner Rossi porque, além de uma figurar na capa da revista, elas parecem ter sido selecionadas pela instituição midiática para expressarem sentidos bem semelhantes.

Essa fotografia mostra Palocci sentado com as mãos sobre as pernas e uma expressão facial que demonstra preocupação. O movimento da boca - lábios fechados e um tanto levantados à direita, deixando a boca levemente torta – juntamente com o olhar um tanto para baixo, um tanto para o lado, um olhar para ninguém, possivelmente produzem efeitos de sentido em compatibilidade com o texto verbal: o ministro está enrolado, ou ainda, está numa situação complicada. Tais efeitos de sentido inscrevem-se no interior de uma formação discursiva que, diante das denúncias, não só considera o ministro culpado, antes de qualquer julgamento, como também defende que ele deve deixar o cargo.



*Alfredo Nascimento: enfim,
fora do ministério* **PÁG. 64**

Imagem 02 –

Veja, 13/07/2011, p.10

A fotografia e legenda ao lado foram publicadas na página “Índice” da revista para ilustrar a chamada “**Governo** Corrupção derruba cúpula dos Transportes”. Na página 64, o leitor tem acesso a uma reportagem de quase cinco páginas, na qual o sujeito enunciador retoma já ditos em torno da revelação de que “operava dentro do governo uma estrutura de corrupção que cobrava propina de empresas em troca de contratos superfaturados para a construção de rodovias e ferrovias” (Veja, 13/07/2011, p. 64). O sujeito jornalista destaca não só a queda do Ministro dos Transportes e as várias demissões que ocorreram por conta desse escândalo, mas também a atuação da presidente Dilma diante desse caso.

Na foto, vê-se apenas o rosto do ministro Alfredo Nascimento, o mais inexpressivo de todos os ministros em questão neste trabalho⁷. Boca

⁷ Dizemos isso com base não apenas nas fotografias veiculadas na revista *Veja*, mas também no jornal *A Folha de S. Paulo* e arriscamos dizer que isso ocorreu, em parte, porque o ministro pouco se expôs para se defender e porque, afastando-se dos excessos emocionais, parece demonstrar, publicamente, um certo domínio de suas expressões.

entreaberta, músculos faciais repuxados e olhar para cima expressam um momento de certa tensão. Não é um rosto estático, é um rosto em movimento, cujas expressões podem indiciar susto, tristeza. Enfim, são efeitos de sentido que também se inscrevem numa formação discursiva que já julga o ministro corrupto e, nessa materialidade discursiva, já comemora a sua queda.



Imagem 03 –
Veja, 17/08/2011

Essa foto figura na capa da revista e, conjuntamente com a manchete “A praça da corrupção” e as chamadas: “O ministro da Agricultura é acusado de cobrar propina de 2 milhões de reais numa licitação”; “Ele participou de uma fraude eleitoral que resultou em 8 toneladas de feijão jogadas no lixo”; e “No comando do Porto de Santos, usou dinheiro público para quitar dívidas de empresas privadas”, encaminham o leitor para a reportagem que trata de atitudes “corruptas” atribuídas ao ministro Wagner Rossi.



Imagem 04 –
Veja, 17/08/2011, p.78

A fotografia ao lado foi publicada na primeira página da reportagem que se intitulou “A agricultura no lixo”. A reportagem trata minuciosamente dos temas anunciados nas manchetes da capa, e encerra com o sentido de que o ministro “não cuidou nada bem do dinheiro público”, mas, sugerindo um enriquecimento ilícito, “prestou uma atenção danada àquele que foi parar em seu bolso”.

Nas imagens 03 e 04, há rostos sorridentes. Tendo em vista as fotos, o sujeito enunciador estabelece uma semelhança do ministro com o Coringa, “o vilão com cara de palhaço que se divertia com as próprias maldades no filme Batman” e esclarece que Rossi deu esse sorriso quando

“foi ao congresso tentar explicar malfeitorias ocorridas em sua pasta”. O fotógrafo captou esse momento de descontração e *Veja* selecionou esses enunciados imagéticos para colocar em circulação. Na imagem 03, o sorriso aparece um tanto mais contido e confere ao rosto, principalmente ao olhar, o efeito de sentido de malandragem. Na imagem 04, o sorriso bem aberto, quase gargalhada, atribui ao rosto todo um movimento simétrico: músculos repuxados que intensificam as marcas de expressão, arqueiam as sobrancelhas, levantam e franzem a testa, sinalizam um brilho no olhar. Além da técnica do close que amplifica, pela manipulação fotográfica, e, de certa forma, intensifica as emoções que o ministro expressa, a revista ainda opta por atribuir à foto 04 um espaço relativamente grande, mais de uma página. Conforme Ferreira (2006, p. 188), “se uma imagem fala mais e melhor que qualquer palavra, faz-se necessário potencializar seus espaços de expressão, investindo no processo de imagetização do texto, (...) no aumento do tamanho de cada imagem fotográfica na ilustração de textos.” Os efeitos de sentido que *Veja* dá a circular nessas fotografias, em complementaridade com a materialidade verbal, estão inscritos numa formação discursiva que julga o ministro corrupto e defende que ele não tem perfil para continuar no cargo.



A fotografia ao lado foi publicada no interior da reportagem intitulada “A fila ainda anda”, na qual a revista *Veja* diz que “O ministro do Turismo foi o quinto a perder o emprego no governo Dilma”, divulgando os supostos “pecadilhos” responsáveis por sua queda do Ministério e sinalizando que há mais dois ministros em situação complicada no atual governo. Ao lado da foto de Pedro Novais, há a foto de seu sucessor, cujo sentido formulado na legenda é de que, com o novo ministro, a atuação “corrupta” tende a continuar no Ministério do Turismo.

Imagem 05 –
Veja, 21/09/2011, p.67

Nessa fotografia, Pedro Novais aparece com uma expressão facial um tanto incomum para esse lugar discursivo. Pelo movimento da boca entreaberta e distendida, o leitor pode inferir que, possivelmente, o ministro pronunciou baixinho uma interjeição monossilábica que indica susto ou surpresa: “Xiii!” Músculos tensos, olhar lateral. Emoções incontroláveis e seu rosto, estabilizado na fotografia por esse movimento que “aperta” suas feições, fala, ou melhor, denuncia que ele está numa situação complicada diante do “malfeito”. São efeitos de sentido materializados que só corroboram com a semântica da formação discursiva que considera o ministro bandido e, por isso, indigno do cargo.



A fotografia ao lado foi publicada na primeira página da reportagem, na qual ocupa mais da metade do espaço. Abaixo da imagem, o título da reportagem “A coisa fugiu do controle”. Conforme o texto, o Ministro dos Esportes está envolvido em esquemas de desvios de dinheiro destinados a ONGs para beneficiar os cofres de seu partido (PC do B), inclusive recebendo diretamente caixas de dinheiro na garagem do ministério.

**Imagem 06-
Veja, 26/10/2011, p.88**

A fotografia 06 mostra Orlando Silva com uma expressão também incomum. Com a mão tapando totalmente a boca e parte do nariz, o dedo polegar perto do olho, seu rosto está parcialmente encoberto. Olhar lateral, sobrancelhas arqueadas, testa levantada e franzida, tudo isso confere ao seu rosto uma expressão de espanto, de susto. Expressão que coaduna com os efeitos de sentido de culpa, medo, bandidagem, corrupção e malfeito, formulados também na materialidade verbal da revista e inscritos, por sua vez, na formação discursiva que governa seus dizeres. A valorização do imagético só faz potencializar esses sentidos, já que essa fotografia capta

uma expressão que fala de forma tão individualizada e, portanto, tão comprometedora.



Essa fotografia, publicada nas páginas 76 e 77 em dimensões potencializadas, divide o espaço com o título que também figura num tamanho grande “O VOO CEGO DO MINISTRO DO TRABALHO”, com as fotos do avião - o King Air - e de Adair Meira - responsável pelo avião - , com imagens de recortes do Jornal Imprensa que divulga a agenda do ministro no Maranhão e com demais textos verbais. A legenda da fotografia, de certa forma, sintetiza o conteúdo da reportagem: “PASSAGEIRO ZERO O ministro Carlos Lupi mentiu no Congresso. Ele disse que mal conhece Adair Meira, o dono da Fundação Pró-Cerrado, e que nunca viajou em aeronave cedida pelo empresário”. O ministro é acusado, dentre outras irregularidades, de viajar oficialmente sendo custeado por empresa privada, a qual o Ministério beneficiou posteriormente.

Imagem 07-

Veja, 16/11/2011, p.76-7

Na fotografia acima, o ministro Carlos Lupi explicando-se no Congresso, na frente do microfone. Durante o escândalo, Lupi destacou-se pela retórica. Sempre que se defendia, mostrava-se muito exaltado e pronunciava frases de impacto que causavam polêmica. No jornalismo impresso, há várias imagens que registram essa postura. Nessa foto, os braços esticados para a frente, com as mãos fechadas e os dedos apontando para a frente; boca bem aberta, parecendo que ele está gritando; músculos faciais estendidos acompanhando o movimento da boca; olhos bem firmes direcionados para o público; sobrancelhas bem arqueadas; e testa levantada e franzida compõem a expressão facial de agressividade e/ou de desespero. Essa expressão só faz corroborar com os sentidos em produção na revista: o ministro está “deixando emergir toda essa emoção/paixão” porque as suspeitas são pertinentes. O rosto é mesmo “o lugar mais íntimo e mais exterior do indivíduo; aquele que traduz mais diretamente e da maneira mais

complexa a interioridade psicológica e também aquele sobre o qual incidem os mais fortes constrangimentos públicos”. (COURTINE & HAROCHE, 1988, p. 225-6)

As fotografias acima são enunciados imagéticos que apresentam uma regularidade de sentido. Estão todas inscritas no interior de uma mesma formação discursiva, como já fomos pontuando ao longo de nosso texto. E, nesse sentido, consideramos que, quando “entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2007, p. 43)

Reforçamos que, apesar de serem enunciados ditos em épocas distintas, a regularidade enunciativa se mantém: assim que surgem as primeiras denúncias, os sentidos formulados por *Veja* são de “abrasar” o escândalo e, conseqüentemente, propor a exoneração, o mais breve possível, do ministro.

Formação discursiva que busca dar visibilidade à corrupção no governo petista, seja em relação à gestão passada, seja em relação à gestão presente⁸. No que se refere ao Governo Lula, a cada escândalo, materializam-se enunciados que retomam o fato de o ministro ter sido herdeiro de sua administração e/ou ter sido indicado pelo próprio ex-presidente. Em relação ao presente/futuro, há enunciados que “profetizam” o próximo escândalo envolvendo outro ministro da administração Dilma e/ou colocam em questão a ética do ministro que está agregando a equipe naquele exato momento, em substituição ao ministro suspeito.

⁸ No material em pauta neste artigo, o tema corrupção em momentos anteriores à gestão do PT não é valorizado, é tema apagado.

Os dizeres materializados pelos sujeitos enunciadore de *Veja* são, pois, controlados por esse posicionamento que demarca muito bem o que pode e o que não pode ser atualizado intradiscursivamente⁹ de acordo com sua ótica e seus interesses. Buscamos, no entanto, diante da análise das fotografias em complementaridade com os textos verbais, não só observar o que os sujeitos enunciadore atualizam discursivamente, mas como se dá essa inscrição no nível do formulável e, a partir daí, interpretar que sentidos são colocados em circulação.

As imagens em questão aqui não são fotografias pousadas e/ou autorizadas para ilustrar as reportagens de *Veja*. Pelo contrário, são “fruto de uma apreensão clandestina”¹⁰, os homens públicos, ou melhor, seus corpos/rostos falam num espaço discursivo outro, entre seus pares. E o fotógrafo é capaz de captar, num instante, aquele lapso da expressividade do rosto. No nosso caso: a boca que entorta, um olhar mais levantado, a boca esticada, o sorriso, a mão na boca, a boca bem aberta, etc. O fotógrafo capta o momento em que os rostos, de certa medida, deixa escapar as emoções. Mas as emoções que os rostos deixam escapar não equivalem, necessariamente, aos sentidos que *Veja* coloca em circulação.

Veja traz esses discursos outros – fotografias – para figurar no contexto de suas formulações. Ela constrói um efeito de que as fotos, ou melhor, as expressões de espanto, de susto, de desespero dos ministros foram manifestadas diante dos textos verbais formulados por ela mesma. Há, assim, na “montagem enunciativa”, o apagamento ilusório de que a foto é um discurso outro - citado apenas para atribuir efeito de veracidade ao

⁹Estamos considerando o conceito de memória discursiva proposto por Courtine (1999; 2009).

¹⁰ Ver FERREIRA (2006, p.164).

discurso citante. Conforme Ferreira, a fotografia, principalmente a de apreensão clandestina “por si só já lhe garante um certo estatuto de verdade, do qual a mídia se faz especialista”(2006, p.163).

Já que “o rosto seduz com maior segurança, mais subtilmente ainda do que as palavras” (COURTINE & HAROCHE, 1988, p. 7), diante da fisionomia de Palocci, Alfredo Nascimento, Wagner Rossi, Pedro Novais, Orlando Silva e Carlos Lupi, *Veja*, ao formular todo o conjunto discursivo que coloca em circulação, acopla os sentidos que esses rostos já expressam aos efeitos de sentidos mais globais que está produzindo e que estão politicamente inseridos em sua formação discursiva. Com isso, ao escrever a “sua” história sobre a corrupção brasileira, ela também mostra a sua face, pois seu rosto também fala.

Considerações finais

Como vimos, nossas análises tendem a comprovar nossa hipótese. A imagem que *Veja* busca construir dos ministros acusados, desde as primeiras denúncias, é de que eles são corruptos e, por isso, não têm perfil ético para permanecerem no cargo.

Por considerarmos que todo enunciado é produzido por um sujeito determinado historicamente, tentamos ainda pensar em distintos modos de controle que incidem sobre o dizer. E, na perspectiva de refletir também se o controle do discurso atinge a linguagem do corpo, a partir do paradoxo do rosto postulado por Courtine e Haroche (1988), selecionamos as fotografias dos rostos com as quais trabalhamos.

Ressaltamos que a articulação entre língua e história está em pauta desde a gênese da Análise do Discurso na França, no final da década de 1960. Mas essa articulação torna-se mais intensa, inclusive provocando a

redefinição de muitos conceitos postulados inicialmente por Pêcheux e seu grupo e delineando rumos totalmente novos para os estudos discursivos, a partir da década de 1980, quando se dá a inserção dos trabalhos de Foucault no campo da Análise do Discurso. (GREGOLIN, 2004). Dentre as contribuições de Foucault e dos historiadores da “Nova História” para as reconfigurações das pesquisas discursivas, destacamos, aqui, o conceito de discurso que passa, sob a égide da história, a ser concebido, simultaneamente, como estrutura e como acontecimento. (PÊCHEUX, 1983)

E foi, assim, tentando considerar essa articulação entre o linguístico, o imagético e o histórico das materialidades discursivas com as quais lidamos, que ousamos colocar o corpo, linguagem que está “inserida nas formas sociais de cultura” (COURTINE, 2008, p.8), no meio de nossa discussão. E, para encorpar essa nossa leitura, tentamos acrescentar ao nosso estudo contribuições de cunho antropológico.

O corpo é considerado um objeto discursivo porque, além de ser condicionado pelo discurso, é lugar privilegiado de produção de discurso e é um objeto sobre o qual se produzem discursos. Considerando, então, o nosso material de análise, dizemos que os ministros/políticos inserem-se num meio sociocultural, no qual seus corpos se tornam objetos públicos monitorados pelo discurso da aparência, pelo discurso da “política-espetáculo”¹¹.

Afirmamos, nesse sentido, que os corpos dos homens públicos chegam a ser “disciplinados” para agir conforme a ótica do “parecer ser”. E, no caso de nosso material, os ministros sob suspeitas não devem / não

¹¹Ver COURTINE, J-J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M.R. Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

podem expressar publicamente emoções que possam lhes comprometer ainda mais, precisam ser bem cautelosos, bem racionais. Estamos, então, diante da outra face desse rosto:

Uma história do rosto é ao mesmo tempo a história do controle da expressão, das suas exigências religiosas, das suas normas sociais, políticas e estéticas que contribuíram desde o Renascimento para o aparecimento de um tipo de comportamento social, sentimental e psicológico baseado no afastamento dos excessos, no silenciamento do corpo. Estas exigências fizeram nascer um homem sem paixões com um comportamento moderado, medido, reservado, prudente, circunspecto, calculado; muitas vezes reticente e por vezes silencioso. O homem racional das elites e depois das classes médias. O homem das paixões, o homem espontâneo e depois impulsivo, apagou-se progressivamente por detrás do homem sem paixão. (COURTINE & HAROCHE, 1988, p.12)

Desde o Renascimento, o corpo torna-se refém de controles, advindos de discursos que sofrem determinações sociais, históricas e culturais. Firma-se, portanto, um comportamento social baseado no afastamento dos excessos emocionais. E os ministros comportam-se assim. Engessados pelos discursos que controlam seus dizeres/seus corpos, eles protegem seus rostos. Mas *Veja* consegue captar aquele breve instante em que os ministros deixam escapar o controle, aquele instante em que expressam uma furtiva emoção, que fazem um gesto pouco comum para o espaço público.

São esses gestos pouco comuns - que podem evidenciar um comportamento socialmente não aceito para aquele espaço, para aquele discurso ou, pelo menos, demonstrar uma emoção comprometedora - que *Veja* faz circular. O sorriso, por exemplo, é um gesto condenável para tal situação enunciativa. E, no caso de Wagner Rossi, o fato se engrandece porque é tratado de forma genérica e não como um único enunciado, inserido numa enunciação; as imagens do sorriso são utilizadas para

metaforizar não só a postura do ministro da Agricultura, como também a postura dos atuais políticos brasileiros frente ao “malfeito”.

Com base em nosso referencial teórico e na leitura de nosso *corpus*, acreditamos que o rosto que a revista *Veja* busca materializar, “visto que a função dos *médiums* é de tornar as imagens visíveis e de nos fazer comunicar com elas”¹², conferindo a elas não apenas uma superfície, mas uma significação (BELTING, 2004), é o rosto que “deve exprimir-se”, é o rosto que fala as suas emoções / as suas paixões.

Esse rosto apareceu nas práticas expressivas dos próprios ministros, quando eles precisaram – e aqui retomamos, mais uma vez, o paradoxo proposto por Courtine e Haroche - ao mesmo tempo, “mostrar a face e proteger a face” para se defender das denúncias direcionadas a eles. Para Courtine (1989, p.87), “em cada indivíduo, cada instante, tem sua fisionomia”¹³ e foi, naquele instante em que a face de cada ministro ficou desprotegida, que a fotografia conseguiu estabilizar o movimento e a instituição midiática conseguiu não só inscrevê-lo no interior de sua formação discursiva, mas reproduzi-lo em séries e colocá-lo em circulação.

Salientamos que essa nossa tentativa *gauche* de fazer análise foi nos conduzindo por vários caminhos, mas não nos esquecemos de nosso objetivo primordial: pensar no esboço de alguns episódios de uma pequena “história do rosto da corrupção brasileira”. Ressaltamos, contudo, que, mesmo concebendo história na perspectiva de Foucault e da “Nova História”, que leva em conta os pequenos acontecimentos no horizonte do descontínuo e do serial, nossa pretensão não é tão grande. Só por uma

¹² La fonction des médiums et de rendre les images visibles et de nous faire communiquer avec elles. (BELTING, 2004, p.24)

¹³ Dans un individu, chaque instant a sa physionomie, son expression. (COURTINE, 1989, p.87)

questão de efeito de sentido e por alusão ao título da obra que nos direcionou sobremaneira neste estudo, encerramos dizendo que apenas começamos a olhar furtivamente para os acontecimentos discursivos que elegemos no âmbito dessa “pequena história do rosto da corrupção brasileira”.

Referências

BELTING, H. Médium, image, corps. Une introduction au sujet. In: **Pour une anthropologie des images**. Paris: Gallimard, 2004, p.17-76.

COURTINE, J-J. Corps et Discours. In: **Corps et Discours: Eléments d’histoire des pratiques langagières et expressive**. Paris: Université de Paris X-Nanterre, 1989. (Présentation de Thèse d’Etat sur Travaux)

_____. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. **Os múltiplos territórios do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

_____. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M.R. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. **História do corpo**. Vol. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

_____ & HAROCHE, C. **História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)**. Lisboa: Teorema, 1988.

FERREIRA, L. C. **Práticas de leitura contemporâneas: representações**

discursivas do leitor inscritas na revista *Veja*. UNESP: Araraquara, 2006.
(Tese: Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)

FOUCAULT. M. (1969). **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GREGOLIN, M.R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

PÊCHEUX, M. (1983). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PIOVEZANI, C. **Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

Revistas analisadas

REVISTA VEJA. Edição 2218, Ano 44, nº 21, Editora Abril, 25/05/2011.

REVISTA VEJA. Edição 2225, Ano 44, nº 28, Editora Abril, 13/07/2011.

REVISTA VEJA. Edição 2230, Ano 44, nº 33, Editora Abril, 17/08/2011.

REVISTA VEJA. Edição 2235, Ano 44, nº 38, Editora Abril, 21/09/2011.

REVISTA VEJA. Edição 2240, Ano 44, nº 43, Editora Abril, 26/10/2011.

REVISTA VEJA. Edição 2243, Ano 44, nº 46, Editora Abril, 16/11/2011.